



Fundação Cuidar o Futuro

PRESENÇA 20



Fundação Cuidar o Futuro

NA CAPA: DESENHO DE **LOURDES CASTRO**

JANEIRO 1958



presença

Redacção: Av. Duque de Loulé, 90, r/c-D.

EDITADA PELA J. U. C. F.

FILIADA NA PAX ROMANA

SUMÁRIO

Fundação Cuidar o Futuro

- Editorial
- A expectativa do mundo de hoje
- Universidade e liberdade
- O Santo Padre fala ao mundo
- A Igreja e o mundo
- A Igreja face aos problemas das comunidades cristãs
 - a Igreja na América latina
 - Portugal país de missão?
 - A Igreja em África
- Referência litúrgica
- Jornadas Universitárias de Fátima
- Uma inventora de espaço
- Um autor de hoje: François Mauriac

Fundação Cuidar o Futuro

Com a aprovação da Autoridade Eclesiástica

Composto e impresso na Tipografia Cardim, Lda. — Cascais

PAZ

Procuraram-na os homens desde sempre, na certeza de encontrarem, possuindo-a, a solução dos grandes problemas sociais e individuais. Nunca, porém, como na época actual, se trabalhou para ela. E, se na verdade o nosso século é, por excelência, o da grande revolução científica, forçoso será reconhecermos que, de modo mais ou menos eficiente, utilizam os povos as grandes realizações técnicas em função duma harmonia cada vez mais perfeita entre os homens.

Vivemos uma hora excepcional no campo da aplicação prática dos progressos da ciência. Aperfeiçoam-se vertiginosamente engenhos balísticos, projecteis teleguiados, engenhos interplanetários — o homem vê frente a si um mundo imenso de possibilidades; reconhece-se a extraordinária importância das relações entre os povos — e surgem conferências internacionais e tratados de desarmamento, colocando-se neles toda a esperança dum perfeito entendimento entre as nações.

Mas os homens esquecem que só no Evangelho, depositário dos valores sobrenaturais, está a verdadeira e única solução desse grande problema. Não é do progresso da máquina, nem da superioridade de armamento, que surgirá o equilíbrio entre os povos. Não se busque nas realizações humanas, por mais perfeitas que sejam; o que é, não engenho do homem, mas dom de Deus.

Só à luz da doutrina de Cristo, só vivendo ao ritmo da Sua vida, poderão os homens encontrar a justa aplicação dos arrojados meios de que hoje dispõem. Quer dizer: só na Igreja, pregoeira genuína do Evangelho, poderá a humanidade encontrar a Paz!

A expectativa do

Se a Igreja é, em todos os tempos, a realidade número um da vida do cristão, hoje parece sê-lo mais do que nunca. Não é só o mundo católico a vincular-se a ela. A humanidade inteira, mesmo sem o saber, põe nela toda a sua esperança. Onde estão a paz, a harmonia e a felicidade, senão na Igreja?

Nela os homens encontram o ponto de partida da sua missão humana e religiosa. É o traço de união entre o divino e o humano; o elo que põe em contacto o sagrado e o profano.

Mergulha no próprio drama da história; mas sai sempre vitoriosa, porque é mais forte que o mundo. Igreja e mundo, que binómio será mais actual?

Que espera o mundo de hoje da Igreja Católica? Mesmo no nosso mundo ocidental, em que a tradição católica tem estado presente, desde há séculos, em que a Igreja tem sido muitas vezes a impulsionadora e a origem de tantos movimentos, ainda aqui, qual é a atitude do nosso tempo em relação à Igreja? O que é que se espera dela?

A resposta que à primeira vista daríamos é de toda uma atitude de indiferença, de profundo desinteresse.

A indiferença do silêncio e da ignorância, incomparavelmente pior que a

atitude de hostilidade e de rebeldia.

O mundo moderno constituiu a sua vida à margem da Igreja, em quadros totalmente diferentes. A própria voz da Igreja na pessoa do seu Pontífice, por vezes, parece ecoar fora do âmbito, da atenção e do interesse do mundo actual.

Na verdade, que esperam do Cristianismo aquelas massas de indivíduos tantas vezes chamados unicamente pelas preocupações materiais, e pelas tarefas quotidianas, sem atenderem a realidades mais altas? Olhem-nos à nossa volta. Por toda a parte, reina uma agitação febril: a corrida aos melhores lugares, a luta pela satisfação das preocupações individuais. Vejamos os jornais, a rádio que todos atendem pressurosamente. Notícias sensacionais, todas as notícias — mas nunca a Grande Notícia da Boa Nova.

No campo político fala-se de riqueza, de poder, de prestígio, de tudo, menos do essencial, que é, como dizia S. Francisco de Assis, que o Amor não é amado.

Olhemos as correntes do pensamento do nosso tempo: para uns, tudo é matéria; para outros, a existência é insuportável e o homem uma paixão inútil. Em desacordo em tudo, os homens, muitas vezes, só parecem concordes na negação prática da fé cristã.

O que é que todos eles, o que é que o nosso mundo espera da Igreja Católica?



mundo de hoje

Sob esta aparência de inércia, não haverá índices que nos permitam ver que nos enganámos? Sem dúvida.

De facto, ao lado de um aparente desinteresse, e provocando, quase, uma paragem no ritmo louco de vida do nosso século, nós vemos a contemplação atenta da Cruzada de Caridade de um P.^o Pierre; a atenção sequiosa dos Estados Unidos, na sua tão febril agitação materialista, pela palavra de um Thomas Merton sobre a vida contemplativa, a resposta entusiástica de milhares e milhares de operários à palavra de Mons. Cardijn.

Tudo isto são índices de que sob a capa de um desinteresse mais ou menos passivo, vai tomando forma, cada vez mais e mais, uma atenção profundamente interessada.

Estas duas atitudes, em si contraditórias, não são mais do que o reflexo de um tempo, em que se entrechocam com violência as esperanças, as ilusões, as decepções e amarguras.

Porque o homem, num caminho de progresso, que vem desde o século passado, tendo na mão um sem número de recursos, dominando como nunca os segredos da natureza, tendo vencido o espaço e o tempo, sentindo-se cada vez mais senhor do mundo, pretende alimentar esperanças loucas.

Já não tem limites a imaginação. O homem como que se sente superior a si próprio.

No futuro, pensa ele, adquirirá, de maneira total, o domínio do Universo inteiro, das coisas e das pessoas. Nesse mundo, inteiramente inteligível à razão, cada um terá então direito à felicidade, à paz e à liberdade.

E então, pensa ele, quando a humanidade tiver atingido tal estádio, para quê a graça, para quê Deus?

É esta a atitude de todos aqueles que se inclinam profundamente diante dos mitos da ciência, a qual, entretanto desenvolvendo-se e penetrando todas as esferas da cultura, se reconhece incapaz de dizer ao homem a natureza e o sentido da vida. Empolgaram-nos os mitos do progresso, os mitos da liberdade, os mitos nacionalistas, os mitos pacifistas, os mitos socialistas, os mitos revolucionários, que arrastam o homem, para depois ao caírem por terra, o lançarem no desespero e na angústia, de que certo existencialismo ateu é a expressão filosófica e literária mais característica do nosso tempo.

A verdade é que se agora é o tempo da razão, pode também ser o tempo da fé, pois a fé não se opõe à razão, mas completa-a, fortifica-a e abre-lhe horizontes de eternidade.

Os ídolos e os mitos caem por terra? Se é tempo do tudo ou nada, é o tempo da Verdade total, é o tempo da Igreja.

Nestas transformações radicais e universais que se deram no espaço de uma ou duas gerações e abrem ao homem horizontes novos e dimensões desconhecidas, o mundo espera a presença irradiante do Catolicismo, tal como há muitos milhares de anos esperava a mensagem de salvação, com o nascimento de Cristo.

O que é que os homens esperam da Igreja, e de cada um de nós, os Católicos, pois que nós a representamos aos olhos do mundo? Em primeiro lugar, a mundo espera de nós um testemunho da Verdade divina, do Deus que é a própria Verdade; aquele testemunho que, no silêncio das suas vidas, os religiosos da Cartuxa dão, e que todo o cristão deve dar também, segundo as suas possibilidades e a sua vocação, de maneira que, seduzido pelo esplendor de um Deus exigente, o mundo arrancie para sempre aos ídolos que, por vezes, o arrastam. Ídolos, não de ouro ou de madeira, mas de conceitos, de ideias, ou de correntes, por vezes mais perigosos do que aqueles. Porque desconhece Deus, o homem quer saciar a sua sede de absoluto, o seu desejo de infinito, com a adoração do relativo, do provisório, do humano. Estas realidades precárias, porque são passageiras, breve desaparecem. Quando o homem ficar sozinho, é então que a nossa afirmação de transcendência, de absoluto poderá fazer luz nas trevas.

Ela mostrará aos homens que sem referência a uma Verdade eterna, as parcelas de verdade apreendidas pela razão não ultrapassam a provisória, sujeitas ao refluxo de uma dialéctica sem fim, só tomando o seu verdadeiro valor, quando a inteligência criadora de Deus garante à inteligência humana, formada à sua ima-

gem a inteligibilidade integral da natureza sensível.

Só a afirmação de uma norma absoluta dá consistência e garantia aos actos humanos ditados pela consciência moral; só ela imprime sentido à vida, dando valor ao que no foro íntimo, passa obscuro e despercebido aos olhos dos homens.

Para a compreensão dos outros, de cada um dos outros, é precisa, ainda, esta referência ao Absoluto. Só ela lhes confere a eminente dignidade que lhes é própria como criaturas de Deus.

Sejamos, portanto, testemunhos do Absoluto. E só o seremos, mediante uma intrasigência firme com as divindades efémeras do mundo dos nossos dias, com as verdades relativas que ele nos quer apresentar com o cunho de absolutas.

Porque, apesar de tudo, o mundo espera em nós e nunca nos perdoaria uma traição à Verdade.

Mas o mundo actual espera ainda mais da Igreja, e de todos nós os que somos seus filhos.

Espera que lhes transmitamos a Mensagem de Cristo, em toda a sua integridade e pureza, para saciar esta ânsia da Verdade e da Autenticidade que o atormenta.

Ele suspira por uma libertação, que o dignifique.

Mas esta libertação que o homem, como homem concebe em termos puramente terrenos só pode ter a sua realização plena no Cristianismo, em que se aprende o segredo da verdadeira liberdade, uma liberdade que não dispensa a Redenção, mas tem de ser conquistada, embora só com o auxílio da graça. A liberdade interior e espiritual arranca o homem à servidão do pecado e à tirania do mal, mas para o subordinar à Verdade, que é o próprio Deus. Sem esta liberdade profunda, as liberdades exteriores não têm qualquer sentido. Ora é esta liber-

dade que o Cristianismo oferece aos homens do nosso tempo.

Prosseguindo na sua busca, o mundo actual procura também um novo humanismo, uma concepção que, adaptada às estruturas actuais, permita ao homem realizar, um equilíbrio perfeito, as virtualidades da pessoa e da espécie.

O mundo, todavia, detém-se por vezes, saudosismo de formas ultrapassadas, ou demasiadamente grosseiras.

Cabe-nos a nós indicar à humnidade o caminho do verdadeiro humanismo. Ele não termina sobre a terra; sobe até à colina, onde se eleva a Cruz. Cabe-nos mostrar que todo o humanismo, se recusa a abertura a Deus e à Graça, para se fechar em si próprio, é falso e mutila a própria humanidade.

Da mesma maneira que a liberdade é abnegação e desprendimento, assim também o humanismo verdadeiro exige a morte do homem e o seu renascimento por uma Ressurreição com Cristo, o Filho do Homem triunfador do pecado e da morte.

Este humanismo do homem total, corpo e espírito, natureza e graça, pode, enfim, dar o seu pleno sentido às expressões que condenam certas realidades e esperanças do tempo presente. Porque, vistos na perspectiva de um humanismo cristão, os actos e o trabalho do homem já não têm um valor puramente humano, mas passam a ser colaboração na obra criadora do Pai e na obra Redentora do Filho, no Amor vivífico do Espírito Santo. O sangue que alimenta este humanismo cristão é o mesmo que anima e vitaliza a vida da Igreja: a Caridade.

E aqui, também, o mundo de hoje tem os olhos postos na Igreja.

Em 1.º lugar, porque ele sofre de uma grande falta de amor. Depois, porque a caridade é o amor levado até à loucura. O mundo de hoje tem falta de amor — é o tempo das lutas e do ódio. Lutas à

escala individual, familiar e social, lutas de homens e de partidos, de nações, de raças em que uns se levantam contra os outros.

É de amor que o mundo necessita. Cada homem quer ser amado em si próprio, como Cristo amou cada um de nós. É este amor que nós podemos e devemos dar a cada homem sem cálculo nem medida; amor que nada detém, nem diminui; que possui em si fontes inesgotáveis de perdão — o amor louco dum S. Vicente de Paulo, dum S. João Bosco, dum S. João de Deus; o amor louco de Cristo na Cruz.

Serem amados em si próprios e por si próprios, eis o que desejam os homens do nosso tempo e o mundo lhes não dá. E, contudo, o nosso século tem assistido a um esforço notável de justiça social. Mas as realizações humanas são sempre limitadas, porque nós somos sujeitos a muitas contingências e condicionalismos. E assim esta justiça social tem de mergulhar numa Caridade intensa, que revitalize tudo: as instituições e as iniciativas. Ao mesmo tempo que se realiza assim, em cada um e para cada pessoa, a Caridade deve estender-se também às dimensões do mundo.

Ora, mais de metade do mundo actual é constituída ainda por países chamados sub-desenvolvidos; mais de metade da população terrestre sofre ainda de sub-alimentação, quer dizer, de fome.

Os grandes problemas de justiça social, põem-se, de maneira muito aguda, nestes países, e tendem mesmo a agravar-se. A Caridade assim, cada vez mais necessária aliada à virtude evangélica de que S. Francisco se fez anunciador numa época de carência como a nossa: o espírito de pobreza. Que cada um se despoje do supérfluo para que todos tenham o necessário, quer dizer aquele mínimo de bem estar e de segurança que permita a vida do Espírito. Eis a nova economia evangélica de que a Igreja se



Fundação de Documentação e de Cuidar o Futuro

faz pregoeira no nosso tempo.

Mais uma vez, o que é que o Mundo espera da Igreja? Ele espera que ela seja católica, universal e que esta catolicidade penetre os pensamentos e os actos de todos os cristãos.

Estamos no tempo da catolicidade. De facto, o mundo tornado cada vez mais pequeno pela facilidade das comunicações e por um sem número de recursos de contacto, precisa que a esta unificação material corresponda uma universalidade da unificação das consciências. Só a Igreja, ultrapassando nações, raças, civilizações, como instituição universal de facto e de direito, pode conseguir.

Num mundo, que pela 1.^a vez, na história, se vê a caminho da Unidade física, o Catolicismo oferece o ideal e a experiência do Universal moral.

Eis o que o nosso tempo espera da

Igreja Católica e o que ele tem o direito de exigir de nós, em nome do Catolicismo que professamos. Por isso, esta é para nós a hora do Catolicismo total e pleno.

Já não vivemos numa época de meias medidas, em que se pode ser ou deixar de ser. Já não estamos numa época de eclectismo elegante em que cada um talla uma religião à sua medida e à sua moda. O mundo tem os olhos postos sobre nós. O peso destes milhões de olhares obriga-nos a ser aquilo que nós devemos ser. Na enorme crise que a humanidade de hoje atravessa, se ela confia na Igreja, poderá confiar em nós?

(Adaptação do discurso de J. Folliet «L'attente du monde d'aujourd'hui», apresentado no II Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos — por M. Regina Amorim).

Fundação Cuidar o Futuro

«Universidade e Liberdade» foi o assunto escolhido para o ensaio do presente número por ser tema de estudo da PAX ROMANA durante este ano e objecto do seu XXIV Congresso Mundial a realizar no próximo mês de Agosto em Viena (Austria).



Universidade e Liberdade

O título deste artigo pode sugerir talvez, à primeira vista, uma contradição aparente. De facto, se o fim último da instituição universitária deve ser a procura e difusão da Verdade, pode julgar-se que a prossecução desse fim limita, desde logo, por si mesma, tanto no campo teórico como na ordem concreta, as possibilidades de livre opção.

Não vou aqui fazer considerações sobre o problema da liberdade, já abordado em anterior número da «Presença». Como então foi dito, para expor o conceito cristão de liberdade, «... a liberdade é esse escolher entre um sim e um não, mas esclarecidos pela razão, iluminados pela fé». Ora esse «escolher entre um sim e um não» — não é outra coisa, em sentido cristão, se não escolher, afinal, entre a Verdade e o erro. E, na nossa época, em que pode afirmar-se que é, cada vez mais, tendência universal, em todos os campos e por todos os meios, afastar o Homem dos caminhos da Verdade e orientá-lo pelos caminhos do erro — na nossa época, a opção põe-se, assim, talvez, com maior acuidade do que nunca. Não será, pois, vigorosa afirmação de liberdade

autêntica, contrariar essa tendência universal e escolher conscientemente — corajosamente — o caminho da Verdade?

Se não puder realizar a sua missão no uso desta liberdade, pode dizer-se que a Universidade se encontra, assim, inibida de atingir o fim que lhe é essencial; deixa de ser, então, como compete ao seu papel na sociedade, o foco, por excelência, irradiador da cultura autêntica (que só é autêntica, se for tentativa de compreensão do Mundo, do Homem e da Vida, à luz da Verdade).

A essa atmosfera de sã liberdade do espírito, necessária para se atingir e desenvolver a verdadeira cultura, se referia o Santo Padre, na carta que dirigiu aos participantes do XXII Congresso Mundial da «Pax Romana», em 1952: «... a sua missão (da Universidade) é ser um centro irradiador de vida intelectual, em benefício da comunidade nacional, *nessa atmosfera de liberdade sã, que é própria de toda a cultura*». E, mais adiante, na mesma carta: «...que ela (a Universidade se esforce por não falhar na sua missão mais alta, que é a de dar aos

espíritos jovens o respeito pela Verdade, a de guiá-los para as livres iniciativas indispensáveis à sua maturidade intelectual».

Transcrevo ainda o que dizia, numa conferência do mesmo Congresso da «Pax Romana», o Prof. Olivier Lacomte, para definir a cultura universitária: «A Universidade desenvolve uma cultura liberal, isto é, tal, que ajuda o homem a libertar-se das servidões interiores e exteriores que pesam sobre ele. Liberta-o, conduzindo-o ao conhecimento desinteressado da Verdade; porque a palavra do Evangelho, «Veritas liberavit vos», vai sendo já verdadeira acerca das verdades mais profanas. São sempre a Luz e a Verdade que, em definitivo e em qualquer campo, libertam. A ilusão e o erro não podem senão escravizar. A Universidade colabora, assim, na libertação do Homem, permitindo-lhe elevar-se até ao saber verdadeiro, até à ciência, e, mais ainda, tornando-lhe possível participar da sabedoria».

* * *

É, contudo, evidente que a conquista dessa liberdade, de que a Universidade necessita para poder corresponder à sua missão essencial, não depende, em exclusivo, da própria ins-

tuição universitária. Importa que a sociedade, em que ela se enquadra, não só reconheça à Universidade, na esfera dos princípios, essa exigência vital de liberdade, como também lhe proporcione na ordem concreta, o seu exercício legítimo.

Compreendeu isto mesmo — embora com algumas excepções de carácter puramente episódico — a sociedade medieval, aceitando a autonomia institucional da «universitas magistrorum et scholarium», nascida à sombra da Igreja, e tornando possível, assim, que ela realizasse, sem dúvida melhor do que em qualquer outra época, a sua missão específica. Essa autonomia institucional traduzia-se não só na independência jurídica e administrativa, como também na liberdade doutrinal. Sem dúvida que a Universidade estava colocada ao serviço da Igreja, porque empenhada na difusão da Verdade; mas — como acentua o Prof. Braga da Cruz na tese que apresentou ao I Congresso Nacional da J.U.C. — «essa norma de vida não é o produto duma imposição doutrinal; é o resultado da aceitação livre e unânime dum mesmo ideal e duma mesma crença».

Depois, veio a Idade Moderna; e a Universidade não pode ficar alheia

à transformação profunda que, então, se vinha operando em todos os sectores da vida humana e das estruturas sociais. Com as progressivas tendências nacionalizantes que, por todos os meios, se iam acentuando na Europa, foi-se dando a submissão directa da Universidade ao poder civil e a sua consequente laicização (tudo isto largamente fomentado pela Reforma protestante), que lhes foi altamente prejudicial. Pode afirmar-se que, de um modo geral, a partir de então, nunca mais a instituição universitária conseguiu reencontrar a sua autonomia.

Conforme as situações diferentes — no espaço e no tempo — a que a Universidade se encontra submetida, essa perda de autonomia tem-se concretizado segundo formas diversas e nos mais diversos graus: quer em relação ao poder político, quer em relação a forças de natureza ideológica ou mesmo a estruturas de carácter económico ou social; e, em escala que abrange desde certas formas moderadas que respeitam ainda parcialmente essa autonomia, até às formas extremistas, impostas pelos sistemas totalitários, em que a Universidade se encontra numa submissão total. Em tais condições extremas, a perda da autono-



mia administrativa acaba sempre por trazer consigo uma perda mais grave — a da independência doutrinária. A Universidade surge, assim, escravizada aos desígnios políticos ou ideológicos do Estado que a domina (caso da União Soviética). A actividade da Universidade estatista desenvolve-se, não desinteressadamente votada ao serviço da cultura, mas dominada por um utilitarismo estreito, com vista aos objectivos práticos impostos pela sociedade que a enquadra, os quais norteiam e limitam a própria investigação científica.

Porque uma tal situação não é mais do que a perversão da própria essência da instituição universitária, o Santo Padre, na citada carta ao XXII Congresso Mundial da «Pax Romana», fazia claramente notar «os perigos de uma ingerência indevida do Estado, que, ultrapassando os seus poderes, pretendesse impor ao ensino, com fins políticos ou ideológicos, a uniformidade fictícia de uma filosofia arbitrária».

Evidentemente, não é a isto que se pretende significar que não deva reconhecer-se ao poder civil, na sua função de salvaguarda do bem comum, o direito de acompanhar, de perto, a vida da Universidade — tratando-se, para mais, da instituição, em que se for-

mam aqueles que deverão desempenhar papel preponderante e decisivo nos mais diversos sectores da vida social. Mais do que um direito, essa interferência do Estado constitui dever, sempre que a Universidade, porventura atraindo de algum modo a sua missão, ponha em risco o bem comum da sociedade. Como foi dito no I Congresso Nacional da JUC: «A autonomia universitária deve ir tão longe quanto o consentirem as exigências do bem-comum nacional, cabendo ao Estado a salvaguarda desse bem-comum».

Porém, em condições normais, longe de dificultar ou negar a missão específica da Universidade, exercendo sobre ela qualquer pressão de natureza política ou ideológica — deve o Estado favorecer essa missão através de todos os meios concretos de que pode dispor. Trata-se, aqui, de um dever inerente ao serviço do bem comum que lhe compete — e nunca de um favor de que a Universidade fique devedora ao poder civil e que, por isso, a coloque na sua dependência. Em relação a esta, como a todas as instituições de educação em geral, o poder civil tem de ter presente que a sua função, por via de regra, reveste, apenas, um carácter supletivo.

Também, por seu lado e por razões idênticas às já apontadas — a Universidade não deve, ela própria, comprometer-se na acção política, ligando-se, deliberadamente, a partidos ou facções. (Refiro-me, evidentemente, à Universidade enquanto instituição — e não aos seus membros, mestres ou alunos, considerados individualmente).

A missão formativa da Universidade — tendo em vista levar os que a frequentam à maturidade intelectual, que se caracteriza por uma elevada capacidade de reflexão e de crítica, por um sentido profundo das responsabilidades e competência pessoal para assumi-las na vida social — só pode ser realizada num clima de liberdade sã. Mas há que ter em conta que a possibilidade de bem realizar essa missão formativa não depende só da escolha criteriosa dos mestres, da selecção das matérias a ensinar, da adopção dos métodos de ensino mais adequados, das possibilidades e nível de investigação (aspectos estes que são fundamentais e de cuja orientação a própria instituição universitária deve poder assumir a responsabilidade). Depende, ainda, do próprio sistema das relações entre mestres e alunos, e do papel desempenhado por uns e outros, em relação à vida e aos

destinos da Universidade de que fazem parte.

E este aspecto é, também, muito importante. Com efeito, a vida académica pode e deve contribuir, não só para a formação cultural e profissional do estudante, como para o desenvolvimento do sentido da responsabilidade pessoal e o exercício de virtudes cívicas, tornando-o, desse modo, mais apto a corresponder, na sociedade, às exigências da sua missão específica. Ora também isto pressupõe esse clima de liberdade, de que falava, a informar toda a vida interna da Universidade e todo o quadro de relações humanas que ela proporciona.

* * *

Falou-se muito, aqui, de liberdade. Deve, talvez, acrescentar-se que nunca se lhe pretendeu dar o sentido de liberdade *absoluta*. Toda a liberdade humana, que pretenda ser absoluta, degenera, necessariamente, na mais completa anarquia. E, sem dúvida, a mais perigosa de todas é a anarquia no campo das ideias, no domínio da cultura.

Todo o anseio de liberdade tem de implicar, sempre, a consciência da responsabilidade que lhe é inerente e que, por si mesma, o limita. Assim, reivindicando a liberdade que é condição necessária ao desempenho integral da sua missão, a Universidade não procura para si um

privilégio; assume uma responsabilidade, que consiste, antes de mais, no bom uso a fazer dessa mesma liberdade.

E, conforme se quis acentuar no começo deste artigo, ela não é, de modo algum, incompatível com a segurança e fidelidade doutrinárias, exigidas pelo respeito e serviço da Verdade. Porque a verdadeira liberdade do espírito é caminho aberto para atingir a Verdade — assim como também só essa mesma Verdade tem, em si, toda a força criadora da libertação do Homem, no sentido mais autêntico.

**Maria Celeste
Vaz de Sousa**

Fundação Cuidar o Futuro



O Santo Padre fala ao mundo

As imprevistas modificações a que levam os novos caminhos, abertos pela ciência e pela técnica moderna, são considerados por alguns como algo inarmônico, destinado a provocar turbulação e desajustamento na unidade da ordem e da harmonia própria da razão humana; por outros, pelo contrário, são considerados como motivo de séria preocupação, pelo que respeita à própria sobrevivência dos seus artifices. O homem começa a temer o Mundo que crê ter já nas mãos: teme mais do que nunca e sobretudo onde Deus não vive verdadeiramente nas mentes e nos corações, Deus de quem é obra o Mundo — todo e totalmente —, em que imprimiu a Sua marca inapagável. Deus Omnipotente, espírito absoluto, ente sapientíssimo e fonte de toda a ordem, harmonia, bondade e beleza.

Jesus, fonte de harmonia no Mundo

A este género humano, em

grande parte composto por homens que unicamente se admiram a eles mesmos, mas que começam a temer-se, a eles e ao seu mundo, apontamos uma vez mais o caminho de Belém. Ali encontrarão Aquele que procuram, Aquele de quem diz o Apóstolo: «Todas as coisas foram criadas por Ele e à Sua imagem e Ele é antes de todas as coisas, e todas têm n'Ele a sua consistência» (Col. 1, 16-17).

Esta é a salutar verdade que fulgura na gruta humilde e que desejamos resplandecer nas vossas mentes. Em particular, Cristo Recém-Nascido aparece e oferece-se ao Mundo de hoje:

— como consolo dos que lamentam as dissonâncias e desesperam de que reine a harmonia no Mundo;

— como a oferta de harmonia no Mundo;

— como luz e caminho de todo o esforço do género humano para restabelecer a harmonia no Mundo.

Profundas discordâncias no «novo» homem

Existem, pois, profundas discordâncias no novo homem criado pelo progresso. No entanto, por mais cheias de perigos que sejam, não são tais que justifiquem o desespero dos pessimistas empedernidos, nem a resignação dos inertes. O Mundo pode e deve ser de novo orientado para a primitiva harmonia, segundo o plano traçado pelo Criador desde o princípio, quando comunicou a Sua perfeição à Sua obra (*Eccl.* 16, 25-26). A estabilidade suprema desta esperança assenta no Mistério da Natividade: Cristo, Homem e Deus, Autor de toda a harmonia, visita a Sua obra. Porque haverá de desesperar do mundo a criatura, se o próprio Deus não desespera dele, se o Verbo Divino, por Quem foram feitas todas as coisas, se fez carne e habitou entre nós para que por fim resplandecesse a Sua

glória de Filho unigénito do Pai...

Cristo, prova da harmonia do Mundo, desenho harmónico da Criação

O conceito cristão de um cosmo, modelado pela sabedoria criadora de Deus e, portanto, unitário, ordenado e harmónico, se adianta, talvez com a distância dos séculos, a previsão de um solene cumprimento, quando «nos novos céus e na nova terra» (2 Petr. 3, 13), «tabernáculo de Deus entre os homens para habitar neles... Ele enxugará dos seus olhos todas as lágrimas; não haverá já morte, nem luto, nem gritos, nem haverá dor, porque as coisas posteriores já têm passado» (Apoc. 21,1-4); por outras palavras, foram superadas as presentes dissonâncias. Mas com isto terá sido alterada totalmente a actuação do plano harmónico da Criação? Acaso Deus, que no mesmo acto de o criar «deu ao homem poder sobre todas as coisas que existem na Terra (Eccl. I, 17, 3), terá retirado a sua palavra? Decerto que não. Bem longe de retirar ao homem o poder de dominar a Terra, José confirmou-o no dia em que revestiu seu Filho unigénito da carne humana, tendo «determinado na plenitude dos tempos reunir em Cristo todas as coisas, as do Céu e as da Terra» (Eph. 1, 10). De tal maneira que Cristo, Verbo encarnado, Deus-homem, vindo ao mundo, desde o primeiro momento da Sua existência visível, manifesta que o domínio

do mundo é de Deus e do homem, mas em grau diferente e que, por conseguinte, não se poderá conseguir senão no espírito de Deus...

Cristo, luz e vida dos homens para estabelecer a harmonia do Mundo

A Omnipotência «que faz quanto quer» (Ps. 115, 3), assistida pela Sua infinita sabedoria que «se estende com força de um ao outro extremo e governa com suavidade todas as coisas» (Sap. 8, 1) fundou a grande lei da harmonia, que penetra o Mundo e explica os seus acontecimentos. O espírito de Deus, que no princípio presidiu do alto a criação, como que nela se transfundiu, ao mesmo tempo que, chegada a plenitude dos tempos, por obra do amor misericordioso, encarnando em si mesmo o Verbo Eterno, introduziu-se pessoalmente no mundo e tomou a posição visível e definitiva dele, «Jesus Cristo ontem e hoje e por todos os séculos» (Hebr. 13, 8). O Universo aparece assim como uma admirável sinfonia, ditada pelo espírito de Deus, cujos acordes fundamentais brotam da fusão das divinas perfeições: sabedoria, amor, onipotência, «Domine, Dominus noster, quam admirabile est nomen tuum in universa terra» (Ps. 8, 2).

Mas o próprio Cristo, que é testemunho e oferta da harmonia no Mundo, demonstrou com o exemplo da Sua vida e da Sua morte que parte activa, fatigante e dolorosa deve o ho-

mem tomar para conservação e desenvolvimento e, se a harmonia faltasse, para o seu restabelecimento. A obra de redenção levada a cabo por Cristo foi por Ele definida luta contra «o principio deste Mundo» e o seu epílogo será a vitória: «Ego vinci mundum» (10. 12, 31: 16, 33).

Esta divina sinfonia do Cosmos, particularmente sobre a terra e entre os homens, o próprio Autor a colocou em mãos da mesma Humanidade, para que esta, como orquestra imensa, separada no tempo e multiforme nos seus meios, sob a direcção de Cristo, a execute com fidelidade, interpretando com a maior perfeição possível o tema único e genial. Deus confiou aos homens os Seus desígnios, para que estes os realizem, pessoal e livremente, dando em contribuição a sua plena responsabilidade moral e exigindo, se necessário fosse, fadigas e sacrifícios, a exemplo de Cristo.

A intervenção no Mundo para sustentar a ordem divina é um direito e um dever que pertencem intrinsecamente à responsabilidade do Cristianismo e que permitem empreender legitimamente qualquer acção privada ou pública organizada, dirigida e apta a esse fim.

Nem valem, para livrar de tal responsabilidade, os pretextos subtis inventados como desculpa pela inércia de alguns cristãos ou sugeridos pelos ciúmes injustificados dos adversários, especialmente se se afirma que, a acção cristã no Mundo encobre uma avidez de poder,

alheia ao espírito de Cristo, excita a aversão à Fé cristã dos que já se encontram em más disposições, é fruto de desconfiança com respeito a Deus e à Sua Providência omnipotente e tem ressaibos de arrogância da parte da criatura. Mais ainda. Há quem insinue ser sabedoria cristã regressar à chamada modéstia das aspirações nas catacumbas. Pelo contrário, seria prudente voltar à inspirada sabedoria do Apóstolo S. Paulo, que escrevendo à comunidade de Corin-

to, com um valor digno da sua grande alma mas fundado no pleno domínio de Deus, abria todos os caminhos à acção dos cristãos: «todas as coisas são vossas...e seja o Mundo, e a vida, e a morte, e as coisas presentes, e as futuras: porque tudo é vosso. Mas vós sois de Cristo: e Cristo de Deus» (1 Cor. F 3, 22). O Cristianismo que não ousasse fazer sua esta plenitude de liberdade, negaria implicitamente ao próprio Cristo a prerrogativa do «poder

com o qual pode ainda subjugar todas as coisas» (Phil. 3, 21). Mais ainda, deveria ter por afronta deixar-se vencer pelos inimigos, no labor activo e no espírito empreendedor, mesmo com espírito de sacrificio. Não há terrenos defesos nem direcções proibidas para a acção do cristão: nenhum campo da vida, nenhuma instituição, nenhum exercício de poder pode negar-se aos cooperadores de Deus para sustentar a ordem divina e a harmonia do Mundo.



Fundação Cuidar o Futuro

Antes de tratar da posição da Igreja perante estes problemas, devemos determinar quais são os mais importantes e que terão, por conseguinte, de ser mais urgentemente encarados. A maioria dos peritos nestes assuntos assinalam quatro:

- 1 — A falta de clero
- 2 — Ignorância religiosa
- 3 — Problema económico-social
- 4 — A crise da família

Estes problemas de modo algum são específicos da América Latina e há regiões onde são mesmo mais graves, atendendo a que as nações ibero-americanas têm muitos factores favoráveis ao trabalho de cristianização, o que torna o Apostolado mais fácil que noutros países. Além disso, nos últimos anos, tem-se notado um despertar para o catolicismo, caracterizado principalmente por um movimento crescente da acção do apostolado dos leigos.

Feitas estas considerações, vamos ver como se apresenta cada um deles na hora presente.

1. Falta de clero

As estatísticas mais recentes dão a média de um sacerdote por 4.800 católicos, ao passo que o número ideal seria de um por 1000. Deve-se notar, ainda, que esta média é geral, estando incluídos centenas de sacerdotes com funções diferentes das do trabalho estritamente paróquial, havendo até concentração de clero em certas cidades que neutraliza a ausência de sacerdotes em zonas rurais. Vê-se, assim, que o problema é mais grave do que se nos apresenta à primeira vista.

(Continua na página 18)

«Poucos de vós farão uma ideia exacta da tristíssima, quase desesperada situação da Igreja no Patriarcado. Nem Nós mesmo a apreciávamos devidamente, antes de fazer particular estudo dela. A verdade, a aflitiva verdade, é que, por falta de sacerdotes, o Evangelho não é pregado à maior parte da população do Patriarcado, que outrora o pregou ao mundo. A África negra dos pagãos está às portas mesmo de Lisboa».

Foi com este grito de Pai angustiado que Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa começou a sua Pastoral sobre o problema do clero (8 de Dezembro de 1935). Perante as realidades dum situação, que só depois de exame aprofundado lhe surgiu mais clara aos olhos de Pastor, a inquietação não podia deixar de se apoderar da alma de Sua Eminência.

A mesma inquietação transparece nas palavras do Santo Padre Pio XII ao comunicar ao clero de Roma os resultados dum inquérito mandado fazer à situação religiosa na Cidade dos Papas (*discurso aos Pregadores da Quaresma de 1955*).

A Igreja face a das comunidades

Quando os Padres Godin e Daniel publicaram o livre de choque, hoje mundialmente célebre: «La France, pays de mission?», e o Cónego Boulard os seus «Problèmes missionnaires de la France Rurale» (Col. *Rencontres*, Ed. du Cerf). a opinião católica francesa, depois dos



a de Missão ?

primeiros momentos de espanto ao contacto com as tristes realidades que tais livros punham a nu, foi tomada de uma salutar inquietação que se traduziu e traduz numa admirável florescência de ideias, experiências e realizações de autêntico zelo missionário.

E nós, em Portugal, poderemos continuar docemente embalados por aquelas doces palavras que tão artisticamente decoravam um recanto da célebre Exposição do Mundo Português de 1940: «Portugal foi sempre cristão...»?

Sim, Portugal nasceu e sempre tem sido cristão. Sêlo-á, ainda? Haverá motivos para formular a dúvida que encima estas linhas e é como que eco do título do livro do Padre Godin: «Portugal será terra de missão?»

Um exame sério e desapaixonado das realidades em matéria religiosa, moral e social, que traduzem o pensar e o viver do povo português, levar-nos-á, não apenas a justificar que a pergunta se faça, mas a ter que responder, infelizmente, com uma afirmativa: Portugal, em parte pelo menos, já é terra de missão.

aos problemas

idades cristãs

No censo de 1940 — no ano do duplo Centenário e da Exposição do Mundo Português, esse Mundo que foi sempre cristão — declaram-se «sem religião» quase 5 % dos habitantes do Continente:

(Continua na página 18)

A Igreja em África

Não ignoramos que o continente Africano é presentemente, objecto das atenções mundiais e que os problemas locais que esses territórios têm a resolver são vastos e requerem solução a curto prazo.

No aspecto político, assistimos ao despertar dos povos de África, num desejo ardente de adquirir autonomia. Não pretendemos, agora, discutir esse direito, mas apenas salientar que essa aspiração só é aceitável no momento em que não comprometa, com a sua realização, os direitos e a dignidade da pessoa humana.

Toda a sua economia, até agora orientada para as Metrópoles, pois assim a moldou o Colonialismo, procura estruturar-se. A cultura de importação e a falta de indústria são realidades que afirmam essa deficiência colonial.

No campo social, graves problemas se põem: a formação de *elites*, o racismo, a destribalização, e falta de mão de obra especializada.

É uma África indente, esperançosa e aberta a todo o auxílio que a ajude a atingir o fim que se propôs, a África do século XX.

Diz Pio XII, na encíclica *Fidei Donum*: «A Igreja, que no curso dos séculos já viu nascer e crescer tantas nações, não pode deixar de fixar particular atenção ao acesso de novos povos às responsabilidades da liberdade política».

As directrizes da Igreja aparecem, quando uma corrente ideológica se desvia da verdade ou esquece o respeito devido à pessoa humana. Na encíclica *Fidei Donum*, dois aspectos importantes foram focados: o perigo dos africanos se deixarem seduzir pelo materialismo ateu, e o de se tentarem pelo espírito da civilização técnica, tão de acordo com a evolução vertiginosa dos povos indígenas.

(Continua na página 19)



A Igreja na América Latina

Antes de tratar da posição da Igreja perante estes problemas, devemos determinar quais são os mais importantes e que terão, por conseguinte, de ser mais urgentemente encarados. A maioria dos peritos nestes assuntos assinalam quatro:

- 1 — A falta de clero
- 2 — Ignorância religiosa
- 3 — Problema económico-social
- 4 — A crise da família

Estes problemas de modo algum são específicos da América Latina e há regiões onde são mesmo mais graves, atendendo a que as nações ibero-americanas têm muitos factores favoráveis ao trabalho de cristianização, o que torna o Apostolado mais fácil que noutros países. Além disso, nos últimos anos, tem-se notado um despertar para o catolicismo, caracterizado principalmente por um movimento crescente da acção do apostolado dos leigos.

Feitas estas considerações, vamos ver como se apresenta cada um deles na hora presente.

1. Falta de clero

As estatísticas mais recentes dão a média de um sacerdote por 4.800 católicos, ao passo que o número ideal seria de um por 1000. Deve-se notar, ainda, que esta média é geral, estando incluídos centenas de sacerdotes com funções diferentes das do trabalho estritamente paroquial, havendo até concentração de clero em certas cidades que neutraliza a ausência de sacerdotes em zonas rurais. Vê-se, assim, que o problema é mais grave do que se nos apresenta à primeira vista.

(Continua na página 18)

Portugal Terra de Missão ?

«Poucos de vós farão uma ideia exacta da tristíssima, quase desesperada situação da Igreja no Patriarcado. Nem Nós mesmo a apreciávamos devidamente, antes de fazer particular estudo dela. A verdade, a aflitiva verdade, é que, por falta de sacerdotes, o Evangelho não é pregado à maior parte da população do Patriarcado, que outrora o pregou ao mundo. A África negra dos pagãos está às portas mesmo de Lisboa».

Foi com este grito de Pai angustiado que Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa começou a sua Pastoral sobre o problema do clero (8 de Dezembro de 1935). Perante as realidades duma situação, que só depois de exame aprofundado lhe surgiu mais clara aos olhos de Pastor, a inquietação não podia deixar de se apoderar da alma de Sua Eminência.

A mesma inquietação transparece nas palavras do Santo Padre Pio XII ao comunicar ao clero de Roma os resultados dum inquérito mandado fazer à situação religiosa na Cidade dos Papas (*discurso aos Pregadores da Quaresma de 1955*).

A Igreja face aos problemas das comunidades cristãs

Quando os Padres Godin e Daniel publicaram o livre de choque, hoje mundialmente célebre: «La France, pays de mission?», e o Cônego Boulard os seus «Problèmes missionnaires de la France Rurale» (Col. *Rencontres*, Ed. du Cerf), a opinião católica francesa, depois dos

primeiros momentos de espanto ao contacto com as tristes realidades que tais livros punham a nu, foi tomada de uma salutar inquietação que se traduziu e traduz numa admirável florescência de ideias, experiências e realizações de autêntico zelo missionário.

E nós, em Portugal, poderemos continuar docemente embalados por aquelas doces palavras que tão artisticamente decoravam um recanto da célebre Exposição do Mundo Português de 1940: «Portugal foi sempre cristão...»?

Sim, Portugal nasceu e sempre tem sido cristão. Sêlo-á, ainda? Haverá motivos para formular a dúvida que encima estas linhas e é como que eco do título do livro do Padre Godin: «Portugal será terra de missão?»

Um exame sério e desapaixonado das realidades em matéria religiosa, moral e social, que traduzem o pensar e o viver do povo português, levar-nos-á, não apenas a justificar que a pergunta se faça, mas a ter que responder, infelizmente, com uma afirmativa: Portugal, em parte pelo menos, já é terra de missão.

No censo de 1940 — no ano do duplo Centenário e da Exposição do Mundo Português, esse Mundo que foi sempre cristão — declaram-se «sem religião» quase 5 % dos habitantes do Continente:

(Continua na página 18)

A Igreja em África

Não ignoramos que o continente Africano é presentemente, objecto das atenções mundiais e que os problemas locais que esses territórios têm a resolver são vastos e requerem solução a curto prazo.

No aspecto político, assistimos ao despertar dos povos de África, num desejo ardente de adquirir autonomia. Não pretendemos, agora, discutir esse direito, mas apenas salientar que essa aspiração só é aceitável no momento em que não comprometa, com a sua realização, os direitos e a dignidade da pessoa humana.

Toda a sua economia, até agora orientada para as Metrópoles, pois assim a moldou o Colonialismo, procura estruturar-se. A cultura de importação e a falta de indústria são realidades que afirmam essa deficiência colonial.

No campo social, graves problemas se põem: a formação de *elites*, o racismo, a destribalização, e falta de mão de obra especializada.

É uma África ardente, esperançosa e aberta a todo o auxílio que a ajude a atingir o fim que se propôs, a África do século XX.

Diz Pio XII, na encíclica *Fidei Donum*: «A Igreja, que no curso dos séculos já viu nascer e crescer tantas nações, não pode deixar de fixar particular atenção ao acesso de novos povos às responsabilidades da liberdade política».

As directrizes da Igreja aparecem, quando uma corrente ideológica se desvia da verdade ou esquece o respeito devido à pessoa humana. Na encíclica *Fidei Donum*, dois aspectos importantes foram focados: o perigo dos africanos se deixarem seduzir pelo materialismo ateu, e o de se tentarem pelo espírito da civilização técnica, tão de acordo com a evolução vertiginosa dos povos indígenas.

(Continua na página 19)

A Igreja na América Latina

(Continuação da página 16)

2. Ignorância religiosa

São vinte os países que compõem o grupo ibero-americano e apenas em nove o ensino religioso é permitido nas escolas do Estado, o que significa que na maior parte deles o ensino depende totalmente de catequistas e escolas particulares. A situação é, ainda, agravada por a maior parte destas escolas serem apenas frequentadas por crianças pertencentes a famílias de classes economicamente mais favorecidas, ficando assim as crianças pobres praticamente sem instrução religiosa.

Por outro lado, existe necessidade urgente de renovar a educação religiosa em todos estes países, modernizando os programas e evitando métodos baseados exclusivamente na memória, que são processo comum, mesmo nas escolas católicas. Por inquéritos realizados na Universidade de Havana verificou-se que nos estudantes do sexo masculino, cuja educação primária e secundária fora efectuada em colégios católicos, 20 % perdiam a fé. Nos estudantes do sexo feminino, a percentagem reduzia-se, felizmente, a 3 %. Vê-se, portanto, que o ensino não era suficientemente eficaz ⁽¹⁾ e deste modo não é de estranhar que o protestantismo progrida a olhos vistos, onde não encontra uma cultura católica sólida. Igualmente a maçonaria assiste a um movimento de renascimento nalgumas

(Continua na página 20)

(1) É, aliás, um erro, supor que uma instrução religiosa de tipo elementar ou secundário, pode afrontar, só por si, todos os problemas que a cultura superior ou solistar as exigências duma mentalidade adulta.

Portugal Terra de Missão?

(Continuação da página 17)

346.427... E, ao estudar com cuidado a distribuição geográfica de tantos «ateus» declarados, já encontramos os primeiros índices das «terras de missão» que há na nossa terra cristã e portuguesa. O distrito de Setúbal, no seu conjunto revelou 22,8 % de «ateus»! O de Beja, 19,2 %, e o de Évora, 14,1 %. A Capital, terra de «muitas e desvairadas gentes», apresentou uma percentagem de 9,5 %. Em frente dela, nos concelhos ribeirinhos de Almada, Moita e Barreiro, este número aparece duplicado, triplicado, quase quadruplicado... E nas terras do Alentejo, sobem a valores de tragédia: o concelho de Arronches com 38,4 %; o de Santiago do Cacém com 45,5 %; e o de Aljustrel com 54,1 %...

Ouvir missa inteira aos domingos e dias santos — aprendemos no *Catecismo* — é um dos mais graves deveres do cidadão. Cumpri-lo habitualmente é um dos índices mais seguros da fidelidade à crença e à disciplina religiosas.

O povo português vai à missa ao domingo?

Faltam-nos dados completos e seguros. Não receio, no entanto, enganar-me muito, ao afirmar que mais de metade da população obrigada ao preceito falta habitualmente ao seu cumprimento. No Patriarcado, por 100 pessoas, 20 cumprem e 80 falham... Nas Dioceses do Sul do País, a percentagem é menor; metade no Algarve; e mais baixa ainda nas dioceses alentejanas. A norte, felizmente, os números são certamente mais altos; mas algumas sondagens, feitas ultimamente, dão motivo a fortes inquietações.

Poderemos dizer que os portugueses que não vão à missa perderam de todo a fé e cortaram de vez com a Igreja? Evidentemente que não; a não ser aque-

les que nem sequer procuram o Padre para lhes assistir ao casamento, baptizar os filhos ou fazer-lhes o enterro religioso. A grande surpresa de quem se debruçou, um ponto, sobre os números que revelam o abandono da prática destes actos tradicionais, foi precisamente o ter verificado que há já zonas vastas de Portugal, em que elevada percentagem da população não é baptizada, nem casada pela igreja, nem tem contacto com o Padre.

Ao tomar contacto com as estatísticas dos casamentos religiosos e civis e com as da natalidade ilegítima, ficamos arripiados com alguns números. Assim, a título de exemplo, no distrito de Beja, quase metade dos casamentos que se fazem, fazem-se à margem da Igreja (os registos civis constituem 49 % do total dos casamentos). O distrito de Setúbal pouco melhor está (42 %), com a agravante de haver concelhos de população operária numerosa e influente com percentagens que atingem, no Barreiro, 66,7 %... Na capital, a cidade que nisto e em tudo costuma dar o tom, os 3.000 registos civis de média anual (cuas: 10

(Continua na página 21)

A Igreja em Africa

(Continuação da página 17)

O Santo Padre Pio XII, na mesma encíclica, exorta os católicos a colaborarem na obra maravilhosa da evangelização.

«Compreenderão especificamente, os filhos da Igreja, a obrigação de ajudar mais eficazmente em tempo útil os missionários do Evangelho a anunciar a verdade salvadora a cerca de 85 milhões de africanos de raça negra, ainda presos às crenças pagãs?»

Mas, apesar de tudo isto, tem a Igreja que resolver problemas intrínsecos das terras de missão.

A falta de missionários — Poderíamos citar números; mas mais importante que esse interesse estatístico, é o sentirmos bem no fundo do nosso coração que o Senhor precisa de operários para a Sua messe; e que as missões precisam das nossas orações, da nossa generosidade e, para alguns, do dom de si mesmos.

A formação dos missionários — Cumpre que os que partem para as terras de missão tenham uma formação integral adaptada às exigências do nosso século. *O recrutamento do clero indígena* — Diz Pio XI na encíclica «*Rerum Ecclesiae*» — «... não deveis pensar que por o Sumo Pontífice vos ter cometido, a vós e a vossos colaboradores, o encargo de pregar a verdade cristã aos pagãos, já não fazem falta, na Missão, sacerdotes indígenas, a não ser para misteres de menor importância e para completar de algum modo, a acção do missionário. Que outro fim tem as mesmas missões, senão o de fundar e implantar, nestas vastíssimas regiões, a Igreja de Jesus Cristo?»

A Igreja de África não deve ser uma Igreja menor, que utilize apenas um prolongamento das Igrejas do Ocidente. Terá que ser a Igreja de Jesus Cristo, irmã de todas as Igrejas da Catolicidade, mas caracteristicamente Igreja Africana.

Essa africanização da Igreja de Cristo na África só poderá ser feita com Clero indígena, que irá proceder ao enriquecimento e desenvolvimento de todas as virtualidades que escaparam à acção dos missionários idos do exterior.

É sobre a grandiosa obra desse clero que esta Igreja adolescente se apoia, para realizar a sua bela missão de evangelizar.

«Uma grande coisa está a acontecer no Mundo: é a conversão das Nações».

(«Le mystère du salut des nations»
por Jean Danielou S. J.)

Maria Ana Lopes da Costa

A Igreja na América Latina

(Continuação da página 18)

Repúblicas. Noutras, são o espiritismo e as superstições que não desapareceram completamente, mesmo nas classes mais abastadas.

3. Problema económico-social

Em quase todos os países da América Latina, a maior parte da população, e principalmente a rural, vive em condições extremamente primitivas. A situação do trabalhador rural é, no dizer dum Bispo Brasileiro, geralmente infra-humana. Em muitas zonas, a habitação do camponês é, ainda hoje, semelhante à da época pré-colombiana. A situação do trabalhador urbano, embora um pouco melhor subsiste em estado indigno duma civilização cristã.

Assim, um estudo feito em Montevidéu demonstrou que um terço dos habitantes tinha um salário inferior ao vital, e os outros dois terços em pouco o excediam.

As riquezas dos países ibero-americanos encontram-se concentradas em poucas mãos. Por exemplo no Chile, verificou-se, há pouco tempo, que aproximadamente 1.500 proprietários possuem 68 % das terras do país.

O regime de pequena propriedade, ainda que bastante espalhado em certas repúblicas, como na Colômbia e Costa Rica, constitui minoria, no conjunto destes povos. Por outro lado, a concentração de riquezas transforma-se num mal social, agravado pela mentalidade do séc. XVIII e XIX que é a da maior parte dos grandes proprietários da América Latina.

Existem demasiadas pessoas que se crêem excelentes católicos, porque — de-

pois de ter discutido, até ao último centavo, o salário mínimo dos operários — dão esmolas generosas para obras de beneficência ou até para o culto. Estes, e ainda homens políticos e intelectuais que se dizem católicos, são os primeiros a opor-se a medidas destinadas a melhorar a classe operária, desde que elas oponham uma ligeira restrição aos privilégios das classes mais favorecidas.

«E a aliança de facto, dos cristãos com os homens injustos, (como disse um dia em Manizales S. E. Rev. Mons. Larrain, Bispo de Talca) é, sempre, um grave escândalo».

O problema dos indígenas também é grave, pois constituem, em 6 países do grupo ibero-americano, $\frac{1}{4}$ a $\frac{1}{2}$ da população; e, no geral, pertencem às classes mais pobres e menos desenvolvidas.

Assim, embora o partido comunista seja na maior parte das repúblicas, considerado fora da lei, não admira que existam poderosas organizações mais ou menos clandestinas, que podem vir a gozar dum poder imenso, como já sucedeu na Guatemala, em 1952.

4. Crise da família

Esta manifesta-se pelo número reduzido de casamentos religiosos e pelo elevado número de uniões em concubinato. Num país que goza das melhores situações sob o aspecto familiar, calcula-se que em cada 4 indivíduos, um provém duma união não civilmente legalizada; e se se estudasse a legitimidade sob o aspecto religioso, os números ainda seriam mais desfavoráveis. Este problema atinge proporções gravíssimas nas classes rural e operária, onde a percentagem das uniões em concubinato se eleva de 60 % a 80 %!

Outro problema é o do divórcio. Dos 20 países do grupo ibero-Latino, só 4



não adoptaram leis a favor deste. Regiões há, em que se tem 1 divórcio por 4 casamentos! Tem-se, ainda, outro aspecto da crise moral do casamento, no aborto e na limitação da natalidade. Estes afectam principalmente as massas industriais. Verificou-se que, numa grande metrópole da América Latina, o número de abortos é quase superior ao de nascimentos!

Estes problemas são todos eles graves; mas há razões para encarar o futuro com confiança. Uma destas é a tradição católica do povo, existindo um fundo profundamente religioso na população.

A devoção à Santíssima Virgem, herança dos portugueses e espanhóis, está bem enraizada no espírito destes povos. Muitos há que, não se considerando membros da Igreja, recorrem à sua intercessão.

Não é também só esta tradição que se conserva; assiste-se a um vigoroso renascimento do catolicismo, devido em grande parte ao apostolado dos leigos. Prova eloquente é a campanha das vocações sacerdotais no Paraguai, de que fizeram parte todas as associações de leigos e cujo resultado foi o de quase duplicar, ao fim dum ano, o número de seminaristas do país. No domínio social, a posição da classe operária também não é hostil à Igreja ou favorável ao comunismo.

No que se refere à crise da família, verifica-se uma grande preocupação no Episcopado e nos dirigentes leigos cristãos, que concentram todos os seus esforços no sentido de moderar a epidemia de dissolução da vida familiar que invadiu o mundo contemporâneo.

(Adaptado do discurso proferido pelo Dr. José Losaga no II Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos — por M. Emilia Bêlard da Fonseca)

Portugal terra de Missão?

(Continuação da página 19)

por dia), representam 40 % dos casamentos celebrados.

Estas percentagens, já de si tão trágicas, agravam-se, ao considerarmos que percentagem notável de casais vive em regime de mancebia. A natalidade ilegítima (civil) dá-nos uma ideia do número e da distribuição geográfica de tais casos de uniões fora da lei humana e divina.

Diz o *Anuário Demográfico* de 1955 que o número de nado-vivos ilegítimos foi, nesse ano, no Continente, de 21.124 indivíduos. Onde nasceram? Mais ou menos, por toda a parte. Só nas regiões beiroais o número de ilegítimos é reduzido (os distritos mais são foram os de Castelo Branco e Guarda, com natalidades ilegítimas de apenas 2,5 e 3,3%). Mesmo nas zonas cristãs e praticantes do Norte, as percentagens sobem, frequentemente, a 10 % e mais. Mas é no Sul que o panorama se torna sombrio. Aqui, como em muitos outros aspectos, a Península de Setúbal e o Alentejo vão à frente nesta triste competição: distrito de Setúbal com a percentagem de 34,3 %; o de Beja e Évora com 29,4 e 24,5 respectivamente.

Neste domínio, as cidades de Lisboa e Porto estão quase no mesmo grau: Lisboa com 22,7 % e o Porto com 20 %.

O número mais alto vamos-lo encontrar na zona marítima do Baixo Alentejo, no concelho de Odemira (o maior da Península), com 58,7 %...

Concluamos: Portugal, terra de missão? Já o é, certamente, em vastas zonas que podemos enumerar: todo o Baixo Alentejo e grande parte do Alto Alentejo; toda a Península de Setúbal; a parte do Ribatejo que pertence ao Patriarcado. Além destas, que são as zonas mais vastas e mais des cristianizadas, há outras mais reduzidas, um pouco por toda a parte...

Por graça de Deus, um grande movimento de renovação se faz sentir. As próprias estatísticas o denotam. Mas, infelizmente, há indícios de que o movimento de descristianização progride, sobretudo nas regiões mais tradicionalmente religiosas da nossa terra.

«A continuarem as coisas assim, — podemos terminar com palavras de Sua Eminência na Pastoral com que começamos — não virá longe o tempo em que

a nossa terra cristã estará de todo convertida num cemitério de gloriosas tradições católicas e apostólicas, como aquelas brilhantes igrejas mortas do norte de África, que foram alumiadas pelo génio de Santo Agostinho...»

Praza a Deus que tal previsão nunca se realize. Em grande parte, de nós depende.

Padre Manuel Franco Falcão

«Em grande parte de nós depende...»

Uma possibilidade de actuação concreta e imediata oferece-nos a JUCF de há dois anos para cá: missões em terras descristianizadas, sem Padre, onde a população aguarda que alguém vá ter com ela, a ensine, lhe fale, lhe explique quem é Cristo, o que é ser Cristão, porque é que devemos amar a Deus.

Fajarda e Sever do Vouga, dois pontos distantes, no mapa, onde foi semeada a esperança!

«Em grande parte de nós depende.....»



referência litúrgica

*«Gerado antes da aurora
e antes dos séculos, o Senhor,
nosso Salvador, manifestou-se,
hoje, ao mundo».*

*É na festa da Epifania
que a liturgia do ciclo do Natal
atinge o seu segundo apogeu. O
Natal é a festa íntima, a festa
da comunidade dos cristãos, que
comemoram «em família» o nas-*

cimento do Deus homem. A Epifania é o alargar do mistério da Encarnação a todos os povos; é a festa mundial da Igreja Católica, a manifestação de Cristo, já não simplesmente como homem, mas como Deus.

Estamos, talvez, demasiadamente habituados a limitar a ideia de Epifania ao Episódio dos Reis Magos.

«Eles viram a Estrêla e seguiram-na».

É logo a antífona do BENEDICTUS que anuncia:

*«Hoje a Igreja foi unida ao seu Esposo Celeste,
porque os seus pecados foram lavados por Cristo no Jordão.*

*Vemos os oragos correr com presentes às bodas reais
e os convivas regozijam-se com o vinho proveniente de água».*

Nestas bodas, está simbolizada como diz Pius Porsch, toda a vida sacramental da Igreja: o Baptismo, a Oferta e a comunhão. Através delas contemplamos o mistério da União de Deus com o homem, as Sagradas núpcias da divindade com a humanidade que começaram no momento da Encarnação e hão-de alcançar a sua plenitude no fim dos tempos.

A Epifania é, afinal o revelar, Meditamos a extraordinária lição de procura sincera abertura à graça, fidelidade para além de toda a escuridão... Escutamos o apelo apostólico à extensão do Reino a todo o mundo... Mas não nos detemos o suficiente na contemplação da Epifania manifesta do Senhor Dominador, que vem, «tendo na sua mão o reino, o poder e o império».

E' verdade que os textos da Missa do dia 6 apenas se referem à adoração dos Magos; só, nos domingos seguintes, se faz a leitura do baptismo de Jesus e das bodas de Caná. O breviário, porém, associa, logo no dia de festa, os 3 episódios, escolhidos como que para exemplo dessa Epifania maior que a vida de Cristo e é agora a vida de Igreja: o manifestar deste mistério a todos os povos.

M. Teresa Santa Clara

Notícias da

PAX ROMANA

Seminário Africano

De 22 a 31 de Dezembro do ano findo, realizou-se em Accra (Estado do Ghana), uma reunião do Seminário Africano.

Durante estes dias estiveram reunidos 94 participantes, sendo 80 de regiões africanas e os restantes europeus, dos quais alguns portugueses.

Os estudos efectuados incidiram sobre problemas relativos à Universidade em África.

Congresso Mundial da PAX ROMANA

«A Universidade de hoje e a exigência da liberdade» é o tema do XXIV Congresso Mundial da PAX ROMANA a realizar em Viena (Áustria), de 31 de Agosto a 6 de Setembro do corrente ano.

Depois de uma introdução sobre a «Essência e existência da liberdade», desenvolver-se-á o tema nos seguintes aspectos:

- I A Verdade e os fundamentos da liberdade na Universidade.
- II A autonomia da Universidade.
- III Liberdade da Universidade e fidelidade doutrinal.

Pensa-se, desde já, na possibilidade de uma representação portuguesa no Congresso.



Jornadas Universitárias de Fátima

No momento em que as Jornadas de Fátima, antecipadamente preparadas e vividas por cada uma de nós, estão prestes a tornar-se uma realidade de que iremos participar, não interessa recapitular títulos de sessões nem repetir a ideia central de cada uma delas. Não interessa pormenorizar os programas nem divulgar indicações concretas. Tudo isto é importante, mas secundário. E porquê? Porque o conteúdo autêntico das Jornadas transcende, em muito, uma síntese das diversas sessões que terão lugar em Fátima e ultrapassa todas as observações que, a seu respeito, possam fazer-se. Por isso, importa apenas, que em conjunto, sem intenção formal

de acertar opiniões ou ajustar ideias, esclarecer dúvidas ou proporcionar novas aquisições, nos detenhemos um pouco para reflectir sobre o que para cada uma de nós pode significar esta ida a Fátima, junto de Nossa Senhora.

Pondo de lado alguns aspectos accidentais que circunstâncias particulares revestirão de um maior relevo perante algumas de nós, o certo é que a maioria conta com as Jornadas para uma ruptura definitiva com o pseudo Cristianismo a que de há muito está habituada; e para um encontro definitivo com o fulcro do Cristianismo verdadeiro; para uma troca decisiva do aparente pelo fundamental.

E o que há de funda-

mental para o cristão é a certeza de que a sua alma tem de estar simultaneamente voltada para Deus e para o mundo. Voltada para Deus, a fim de que possa reflectir ao mundo a Verdade e a Vida. Voltada para o mundo, a fim de que possa descobrir em cada momento uma ocasião de lhe levar Deus.

Em Fátima, voltarmos-nos para Deus. Dispor-nos a fazer, da Sua, a nossa vontade; do Seu pensamento, a nosso respeito, o fulcro dos nossos esforços. Cada uma de nós preparou com antecedência esse encontro com o Senhor, reflectindo um pouco mais sobre as próprias falhas e sobre as exigências da sua vocação de cristã, aprofundan-

do um ou outro ponto doutrinariamente menos conhecido, rezando mais e melhor. Assim, no 1.º dia das Jornadas, trocaremos experiências sobre a nossa vida de oração ou sobre a nossa vida sacramental; estudaremos o fundamento e os valores da ascese cristã; focaremos o binómio hierarquia-laicado. Tiraremos um propósito de maior união com Deus, de maior esforço no sentido da Perfeição, de uma vida menos egoísta e mais comunitária. Enriquecer-nos-emos espiritualmente; descobriremos novos meios de contacto com Cristo; ganharemos um maior desejo de Santidade. Desse primeiro dia das Jornadas, queremos trazer uma Fé mais viva. Queremos trazer a coragem cristã de eliminar da nossa vida de oração frouxa e egoísta que tantas vezes é a nossa e o compromisso de a substituímos por uma prece mais ampla e mais católica, de membros activos do Corpo de Cristo. De Fátima, queremos trazer mais firme a convicção de que só a permeabilidade e a correspondência à Graça poderão conduzir a nossa vida ao encontro com a Verdade para que anseia; permeabilidade que nasce de uma aceitação

aberta dos caminhos que o Senhor nos faculta; correspondência que exige uma descoberta progressiva de todos os valores da ascese cristã, um esforço ascendente de identificação com Cristo.

Mas, em Fátima, voltar-nos-emos também para o mundo. O mundo, a que tantas vezes apeetece voltar as costas, porque ele é, frequentemente, a negação de Deus, pela injustiça que os homens põem nas instituições; pela ambição que centraliza a sua actividade; pela nota de quase desespero que o define. Mas, apesar de tudo, é do mundo que temos de ser o sal. Por isso, não o podemos abandonar. E isto, porque os tempos modernos, se não prescindem da santidade radicada na fuga da mundanidade, exigem também a presença de Santos no mundo. Exigem a santificação das estruturas; reclamam a cristianização do trabalho. Assim, no 2.º dia das Jornadas, faremos uma revisão séria do que tem sido a nossa actuação em alguns dos sectores, pelos quais a nossa vida se desdobra e encararemos, conscientemente, a possibilidade de uma acção futura, melhor e mais enèrgicamente orientada. Descobri-

remos novas perspectivas de apostolado; procuraremos Servir com mais eficácia. A Família, a Profissão, centros normais da nossa actividade, serão encarados por uma perspectiva nova, mais certa e mais cristã. O nosso contributo, no domínio do Pensamento; a necessidade de uma vinculação mais sólida, por nossa parte, a todos os actuais problemas da Igreja, serão, para muitas de nós, ponto central dos trabalhos a realizar. Desse 2.º dia das Jornadas traremos fortalecido o conhecimento da nossa situação exacta dentro do povo de Deus. Conhecimento de todas as implicações da nossa posição de membros de uma comunidade que nos cabe construir com o nosso esforço e perante o qual uma atitude passiva será fuga. Por isso, de Fátima traremos, também, a certeza de um chamado especial de actuação directa. Actuação numa sociedade semi-paganizada, a que urge restituir a nota de cristianismo que dia a dia se esbate; actuação numa sociedade que vive como se Deus não existisse.

Mais amor a Deus... Mais amor aos homens. Será isto o que traremos de Fátima. E isto, afinal, não é mais que uma re-

vitalização da mensagem cristã que a Igreja nos tem transmitido, através dos tempos. Não é mais que um impulso no sentido de uma integração mais funda e mais consciente na doutrina do Corpo Místico. Quando escolhemos para lema das nossas Jornadas «Pensar, Orar e Sofrer com a Igreja fizemo-lo com a certeza de que só, conhecendo e amando melhor a Igreja, poderíamos conhecer e amar melhor o Cristianismo que professamos.

O que mais impressiona na vida dos primeiros cristãos é o sentido certo que eles tinham da realidade da Igreja, como Corpo Místico de Cristo. E o que mais impressiona, no cristão dos nossos dias, é a sua deslocação para um tipo de vida constituído fora de uma perspectiva eclesial, única que se devia encarar como possível. Quebrada com a Reforma a unidade eclesio-cêntrica de uma grande parcela do mundo civilizado, os cristãos — mesmo aque-

les que, através dos tempos, continuam a afirmar-se membros da Santa Igreja Católica — ainda não deram o esforço máximo para que essa mesma Igreja seja sentida como a força que é. E esse esforço, necessário desde que a Verdade do Corpo Místico começou a ser mal vivida, torna-se hoje mais urgente do que nunca. Urgente, porque o mundo suspira por unidade e pode realizá-la num centro falso. Urgente, porque no momento, em que os problemas da Igreja se tornam cada vez mais complexos, só os esforços conjugados de todos poderão dar a cada um deles a sua verdadeira dimensão. Urgente, porque, afinal, é sempre urgente que a Verdade seja trazida a primeiro plano. Dos trabalhos em Fátima, cada uma de nós trará o desejo de penetrar melhor na vida própria da Igreja de Cristo. Na vida dessa comunidade que o Senhor quis Una, Santa, Católica e Apostólica. Una por-

que a Verdade é uma e está inteiramente contida no Evangelho; Santa, porque Cristo que a orienta lhe comunica a sua Santidade. Católica, porque destinada a abranger todos os homens de todos os tempos. Apostólica, porque o seu crescimento desde os doze enviados pelo Senhor, está condicionado pelo zelo e pela actividade dos seus membros.

De Fátima, traremos um conhecimento mais fundo da doutrina do Corpo Místico e uma atitude de mais amor para a comunidade cristã.

Poucos dias nos separaram já das Jornadas. Durante eles, porém, podemos ainda ultrapassar, com o nosso entusiasmo e com a nossa vontade de que esses dias, passados em Fátima, marquem em profundidade a nossa vida inteira, as deficiências que, por ventura, tenham informado a preparação que realizámos.

Maria Idalina Pereira

Uma inventora de Espaço

Escrevendo na suposição de que muitos leitores estão a ler, pela primeira vez, alguma coisa sobre Vieira da Silva, tenho que considerar certos aspectos sem os quais a moderna maneira de ver arte não terá entendimento.

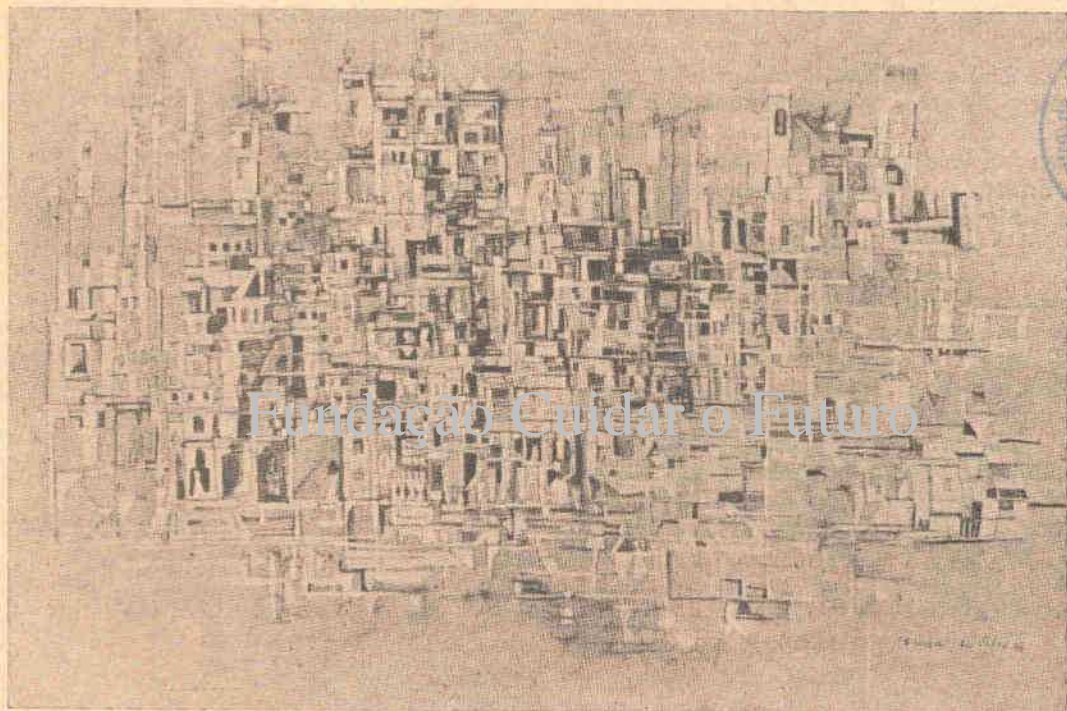
A primeira sensação que temos diante dos quadros de Maria Helena Vieira da Silva é a de coisas inventadas; invenção sem a qual não se poderá entender pintura. Desde que um quadro não seja encarado como invenção, seremos injustos com o que estamos vendo, e a nossa sensibilidade terá dificuldade de extrair à pintura algum sentido; ainda por que ver como europeu é aceitar inventando, (uma vez que o movimento surrealista, já é suggestionado por sensibilidades do tipo Apollinaire — a invenção, o sonho, a liberdade interior de cada um estar de acordo consigo próprio — que não sofrem discussão). Esse elemento mágico que nos deu toda uma história de arte, passaria a constituir um novo dado de *controle*, uma função plástica inadiável. Tudo passaria a resolver-se no pequeno espaço em que a pintura, tintas ainda, caía «milagrosamente».

Por outro lado, o sentido gráfico de expressão desenhado orientar-se-ia segundo novas directrizes. Toda uma expressão gráfica deixa de representar o mundo exterior, visível ou invisível, para se tornar *referência* a essa realidade. Daí o poder valorizar-se por uma infinidade de pontos de vista toda a grafia, realista ou abstracta, que nos seja apresentada aos olhos. Daí, também, que uma representação plástica, incluída num quadro de Vieira da Silva, seja tanto mais válida quanto maior número de referências possa ter com todo um mundo que pertence a cada um dos espectadores. Assim se entenderá a frase de Cézanne, quando afirmava esforçar-se «d'unir des courbes des femmes à des epaules des collines»; ou, como dizia Joyce, «o mundo inteiro numa casca de noz». Cada expressão plástica, nos quadros de V. da S., universaliza de tal modo cada particular da realidade, que cada referência se projecta necessariamente num sem número de realidades de diversas naturezas. Para melhor exprimir todo este poder de referência e de transposição de V. da S., citarei Bezaïne, essa extraordinária sensibilidade de pintor e

de homem: «J'ai toujours été sollicité par la géométrie intérieure des formes, plus que par leur apparence. Le «countour» ne m'a jamais été sensible et d'ailleurs je le distingue de moins en moins. Un arbre, un paysage, un visage humain même, je les vois par le réseau complexe de leurs directions, par leurs lignes de force (ou, encore, par leurs volumes de lumière, indépendamment du contour, ce qui aboutit non à des formes statiques

mos. Da metamorfose do maravilhoso à criação do mundo novo, oferecido aos outros. A obra de arte surge, então, mágica e controlável, sem que, contudo, possamos distinguir onde a serenidade de Apolo joga ou não com a sensualidade de Dioniso.

Cada concha, estrela, flor, casa ou cidade, torna-se, na visão de Vieira da Silva, pelo seu poder de atenção sensível, panorama meditado, expressão nova



arrêtees, emprisonnées, mais à une sorte de dynamisme de surfaces analogues à la vie dynamique des lignes intérieures de l'object»).

Para tal, e ao contrário do que muita gente pensa, impõe-se uma enorme familiaridade com o mundo das coisas e das pessoas, uma grande meditação da natureza; a pintura não é só antropologia como também homem colocado no cos-

que, tendo deixado de pertencer ao mundo das criaturas, nos pertence a todos, pela universalização que a invenção lhe inculca.

Há, portanto, um acto de amor em todo o acto de criar e uma contribuição na obra do Criador em que o artista participa.

Vieira da Silva apresenta-se-nos, além disto, como quem, desde nova, se habi-

tuou a olhar-se; desde nova que, possuída desse dom de transformar o mundo pelo sonho, criou a possibilidade de nas suas telas nos apresentar um espectáculo inédito.

As grandes cidades, os grandes panoramas construídos tudo nos aparece numa construção espacial, em que de uma maneira ambígua se nos deparam perspectivas alucinantes. Ao observarmos os seus quadros, sentimo-nos guiados para a aventura; a imaginação transborda-nos e ficamos com uma vontade enorme de brincar às escondidas por entre mistério que não suspeitamos. «Alice no país das maravilhas», esse mundo enorme e lírico, eis o que V. da S. nos dá com uma intensidade e uma força que, por vezes, atingem a violência. A sua pintura funde-se numa atmosfera, onde cada referência nova se transpõe a recordações do passado, em que o tempo parou. Por vezes, grandes zonas de brancos contrastados por imperceptíveis notas de cor diáfana, que dão ao espaço uma profundidade desconhecida; a vertigem realizada, talvez. Nos seus quadros, temos a impressão de uma passagem repentina, uma súbita paisagem, evidente e adormecida. Vieira da Silva é, acima de tudo, uma extraordinária máquina de ver. Ela dis-

seca tudo o que a rodeia; ela tem a generosidade de se oferecer como *medium* ao cosmos, e a simplicidade silenciosa de comunicar.

Vieira da Silva nasceu em Lisboa. O seu temperamento solitário, o seu espírito introvertido, o gosto de meditar e dissecar as coisas, o interesse, que ainda hoje tem, pela literatura poética e filosófica, encaminhá-la-iam para novos e insuspeitadas direcções. V. da S. foi para Paris aos 19 anos e aí teve como professores, entre outros, Dufresne e Léger, como «quem não queria desperdiçar o que de bom se fazia». (*L'Oeil*, n.º 14). O interesse que tem tido pelos pintores novos e a ajuda real que a muitos tem proporcionado merecem ser reconhecidos, a par de uma consagração que teima em não se lhe fazer em Portugal. Francesa por naturalização ela continua profundamente portuguesa. Constantemente, vem a Portugal. Aqui, recolhe novas luminosidades e soluções espaciais de invenção, onde a ambiguidade não é estranha. Daqui, a sua pintura leva novos movimentos, onde não se encontram referências; ou, melhor, onde as referências são múltiplas.

Nuno Siqueira

u
m

a
u
t
o
r

d
e

h
o
j
e

François Mauriac

Romancista, polemista, homem aberto a todos os problemas do seu tempo, membro da Academia e detentor do prémio Nobel, François Mauriac é ainda o sobrevivente duma geração a que pertenceram um Claudel e um Bernanos que tão bem marcaram a sua posição de cristãos no mundo da literatura.

Perante a sua obra põe-se, para muitos, o problema do romancista cristão e repetidas polémicas se têm levantado sobre este assunto de sempre viva actualidade.

O mundo romanescos de Mauriac é o mundo do pecado e da miséria do homem. Parece que não há nele lugar para o bem e para a santidade. Mundo opressivo e negro de crime e de ódio em que os homens se sentem isolados e dramaticamente perdidos no seu deserto interior: «Vous ne sauriez mesurer le désert qui me sépare de cette femme, de cette fille, de ce fils», pensa o Dr. Courrèges em «Le désert de l'amour». Esta sensação trágica de isolamen-

to é uma constante da obra do romancista presente em «Génitrix» como no «Noeud de vipères» e na famosa «Thérèse Desqueyroux», perdida na sua imensa solidão.

Realmente, Mauriac dá-nos uma visão limitada. Não pretende que a sua pintura dos homens os englobe a todos. Quer apresentar o homem em profundidade e não em extensão, o homem no seu drama eterno, aquele que ainda não encontrou Deus e que por isso se debate trágicamente.

Situa-se na tradição de Pascal e de Racine, dos moralistas que se debruçam sobre a luta eterna entre as trevas e a luz, a luta que se trava no mais íntimo do coração do homem e que o torna grande e miserável, na expressão de Pascal.

É neste humanismo que reside a principal grandeza do escritor; é o seu poder de recreação do humano que dá à sua obra valor universal.

As personagens de Mauriac sofrem sempre. A felicidade não

Fundação Guadalupe o Futuro



existe para elas e a alegria não brilha nas suas vidas porque o seu mundo é fechado, porque as suas almas foram criadas para Deus e para a eternidade e encontram-se enclausuradas num mundo sem saída.

Essa insatisfação dolorosa provém, como o próprio Autor o afirma, do prolongamento metafísico que, mesmo involuntariamente, introduz nas suas criaturas: «C'est le prolongement métaphysique que j'introduis, malgré moi, dans toutes mes créatures, qui crée le malaise». E ainda, continuando a explicar, no Diário, a razão de ser da sua preferência pelo mundo do pecado, diz: «Je suis un métaphysicien qui travaille dans le concret. Grâce à un certain don d'atmosphère, j'essaie de rendre sensible, tangible, odorant. l'uni-

vers catholique du mal».

Para tornar «sensible, tangible, odorant», este universo, Mauriac tem de escolher um ambiente; tem de situar os seus personagens numa região, numa classe, numa família.

A região é sempre a mesma — a província, o sul da França, cujo centro é Bordéus. Esta unidade na paisagem, como o exclusivismo na escolha do meio social que em Mauriac é sempre a burguesia, delimitam o seu mundo e vem mais uma vez demonstrar que para o Autor uma só coisa interessa: a verdade humana.

A família tem um lugar preponderante como fundo dos romances de Mauriac. Os preconceitos burgueses, o catolicismo de factada de tantas famílias ditas cristãs e que são, na definição do Autor, um

«Nó de víboras», é atacado sem piedade e este farsaísmo, falso catolicismo que separa a religião da vida, é um dos seus temas predilectos.

Mauriac, no entanto, não é um repórter impassível, um crítico social, um realista objectivo e frio. A vida que se desprende das páginas dos seus romances é ele que a comunica, porque vive em cada uma das suas personagens e, estas, antes de se tornarem criaturas objectivas do seu mundo, viveram nele: «Seule la fiction ne ment pas; elle entr'ouvre, sur la vie d'un homme, une porte dérobée par où se glisse, en dehors de tout contrôle, son âme incomme» (1).

(M. B. A.)

(1) Commencements d'une vie.

Fundação Cuidar o Futuro



Fundação Cuidar o Futuro